

INTERFACES, VISIBILIDADE E DEVIR PÓS-ORGÂNICO

MARTINS, Francisco Menezes

Doutor em Comunicação - Universidad Complutense de Madrid/Espanha; Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

E-mail: franmenezes@pucrs.br

RESUMO

O presente artigo pretende uma aproximação a temas que ocupam parte dos debates sobre as relações entre homem e técnica. Neste caso, a preocupação é a análise das interfaces que permitem o jogo de trocas entre sujeitos, quando imersos em ambientes do cyberspace. O olhar que percorrerá esta trilha está inspirado em Nietzsche (1992 e 1996), Foucault (1987) e Deleuze (1996), além de propor um diálogo com as interpretações feitas por Bruno (2001 e 2004) e Sibilia (2002 e 2003).

Palavras-chave: Tecnologia. Imaginário. Interfaces. Visibilidade. Pós-orgânico.

1 INTRODUÇÃO

No fundo desta questão, a mais ampla interface do homem consigo mesmo: a idéia de Deus. A conjectura divinizada, as marcas da construção deste imaginário, apagadas pelos efeitos do discurso que deixa de tratar das causas e circunstâncias, do como isto ou aquilo se tornaram o que são. Abandonando-se, enquanto possibilidade da vontade, que conseguiria rever este erro de grau e não de natureza.

O espaço transcendental foi inventado, da mesma forma que a eternidade como unidade de tempo desta face imaginária. Já foi chamado de plano, em alternância com o de imanência (Deleuze & Guattari, 1992). Haveria uma versão terrena para os fenômenos e outra, divina. A separação, de tão tentadora, se estendeu a outros modelos. Se não havia respostas no diálogo com a interface do transcendental, o próprio homem ocuparia referida posição, em nome da performance do culto à origem. Haveria um fundamento para todos os demais conceitos. Uma matriz oculta, que se revelaria ao pensamento profundo, o que não significaria dizer: genealógico, ou o que lança uma dúvida sobre o edifício do pensamento ocidental.

A história da metafísica é conhecida. Sua ampliação se deu através da mesma forma que o pensamento divino-religioso da origem. Uma causa com sentido atribuído a posteriori, mas com a aura de ter sido descoberta em quanto origem. Jogo circular de simulacro autista.

O vazio gerado pela descoberta camuflada de que a origem era uma fábula (Nietzsche, 1992), que seu discurso, igualmente, levou a esta necessidade humana de inventar-se em quanto identidade. Descobriu aí, sua maior capacidade: a de atribuir sentido e valor a todos os objetos da natureza e do mundo das idéias. Sendo objeto da análise nietzschiana de que *o homem é aquele que mede*. Da mesma forma, é possível afirmar, que ao medir o mundo e a vida como perspectiva de análise, o próprio homem acaba sendo o resultado de suas próprias medidas distribuídas em graus valorativos.

A equação axiológica penetrou em todas as instâncias da vida. As questões filosóficas, religiosas e morais respondem à mesma questão sobre os valores. Estaria, neste ponto, a tentação humana para a virtualização. As promessas feitas a si mesmo ganham interpretações diversas. Na falta do diálogo através da interface, o roteiro previu o monólogo da interface, onde o percurso é interior ao indivíduo e sua expressão ganha o tom de troca. Com quem? Com qual “eu”?

Havendo um recorte temporal para tais análises, este seria a partir do final do século XIX. Neste sentido, vê-se em proximidade, os estudos de Sibilia (2002 e 2003). Neles, se percebe uma preocupação, também, em analisar uma possível aliança imaginária entre valores e tecnologia. Aqui, leva-se em conta as apropriações de Nietzsche (1992) sobre as visibilidades fabulares dos discursos em nome do transcendental. Em ambos, a crise da interioridade/exterioridade (Sibilia, 2003) e a passagem destes valores para um rebaixamento e para a fragmentação da noção de indivisibilidade proporcionada pelo centramento do conhecimento em torno ao cérebro humano, permeável, incompleto e em constante devir.

Certamente, a idéia de ser incompleto entrava em contradição com a projeção ao transcendente de um tipo de homem profundo e de origem divina. Uma imagem e semelhança do criador. Início da fábula. O primeiro capítulo. A gênese do maior equívoco intencionalmente dissimulado, e transfigurado para a maior verdade. Esta interface mitologizada proporcionou ao homem a emissão de um modelo de criador, em sintonia com suas intenções de se desmarcar da natureza. Em desvantagem, em relação a outras espécies, como aponta Spengler (1958) rumou com sua técnica para ambientes mais acolhedores e menos hostis a sua existência.

Mais, a capacidade de inventar um passado e uma origem, foi transportada também para as cenas ainda não vividas. Se houve uma metavida anterior, porque não considerá-la posteriormente. Porém, este sonho humano encontrava uma intransponível barreira: o corpo. Nas interfaces pretendidas, a alma podia passar pela superfície *trans*, mas o corpo permanecia.

Somente sentia as dores e prazeres da embriaguez imaginal de outros mundos e épocas. Fusão de planos compartilhada no mesmo modelo de processamento. A divisão permanecia em alta: corpo/alma, natureza/artificialidade, interior/exterior, imanência/transcendência. Porém, com a tentadora fórmula de se circular através de tais interfaces, o humano logo percebeu que sua vontade era fruto da possibilidade, da permissão concedida, e não do querer e do desejar. “Não estranha, portanto que tenha sido a vida o alvo predileto das lutas políticas dos últimos séculos, afinando o foco até atingir o nível molecular, pois as suas representações mudam mas ela continua a

encarnar a plenitude do possível: o que se é e o que se pode ser”. (Sibilia, 2002. p. 212).

Estas análises apontam para a entrada decisiva do corpo nas recentes interfaces da tecnologia. Convite irrecusável para se viver a condição de “*toxicômanos por identidades*”(Rolnik in Sibilia, 2002). O circular dos imaginários ancorado em perfis visíveis e exteriorizados como expressão projetiva da alma, enquanto banco de dados para projeção enquanto identidade.

Da percepção atribuída à natureza das origens, que revelava um tipo de homem essencialmente profundo, cujas águas turvas e escuras permitiram a criação de instrumentais específicos para ascultar a interioridade e vê-la visível, transparente e iluminada pelos olhares dos demais sujeitos: *homo psychologicus*, *homo lúdens* e do atualizado e atualizável homem-informação, informante e informado. O sujeito/objeto da pós-inversão do panoptismo (Foucault, 1987).

Das impossibilidades de transcendência, a tecnológica transforma o não passar de plano, como uma performance operacional de geração de sentidos. A transcendência se daria sem a noção tradicional altaneira da passagem de um plano à outro. A invenção do diálogo se mantém. A face ‘trans’ é substituída pela ‘pós’. A repercussão se dá, justamente, na relação entre as faces. Não havendo o corte transversal, o que existe é uma sucessão de faces separadas por uma membrana *cyberosmótica*, onde a visibilidade é proporcionada pelas máquinas de ver (Bruno, 2004). Seria a socialidade como valor supremo ou a tecnologia como possibilidade da vontade os responsáveis por tal mudança de prefixo na própria metafísica. Seria uma tecnometafísica (Felinto, 2004) ou haveria uma tecnociência pós-orgânica, levando-se em conta o trabalho de Sibilia (2002).

De outra parte, de acordo com a idéia de uma radicalização nos conceitos de interface (Bruno & Menezes-Martins, 2004), o jogo de ver e ser visto permanece, mas como condição alterada pela tecnologia. Assim, a relação é dupla e simultânea: Os olhos como filtros de percepção e como código de barras dos scanners da cibercultura.

A realidade do corpo biológico é alterada pelas demandas sociais. Nos valores da circulação de olhares e visões, a passagem é vedada ao organismo materializado naturalmente. O passaporte é distribuído aos olhos; Note-se que as obras de ficção científica dão especial atenção ao órgão da visão humana. Em *Blade Runner*, o criador dos andróides é assassinado por um deles, tendo seus olhos perfurados pela mão. Em Spengler (1958), lê-se a fundamental participação da mão como primeira técnica humana. Mãos artificiais de andróide contra a natureza dos olhos humanos. Em *Minority Report*, os olhos humanos como informação e identidade intransferível, códigos de

barra para o controle tecnoestatal. Em *Matrix 3*, a perda da visão dos olhos substituída por uma visão interior, mais potente e mais pós-orgânica que nunca.

2 POR QUE ESQUECER FOUCAULT ?

A aproximação sobre as relações do corpo orgânico e pós-orgânico com a tecnologia, deve contar a certos olhares estendidos por Foucault em *Vigiar e Punir* (1987). Em que medida houve uma superação das condições das sociedades disciplinares, se a lembrança do corpo sob as generalizações panópticas atestam a passagem de um controle das exceções para um controle das regras. Não mais regras para os que as excederam, mas a ilusão da exceção como regra geral. Chegaria um humanismo do tipo útil, programável, previsível e, principalmente, capaz de viver a disciplina como Síndrome de Estocolmo:

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma ‘anatomia política’, que é também igualmente uma ‘mecânica de poder’, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez a eficácia que se determina (Foucault, 1987, p.119).

As propriedades da disciplina inauguram distintos laços entre formas de poder e possibilidades de ser. Certos deslocamentos de potencialidades humanas domesticados e treinados: “A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças em termos políticos de obediência). (Idem, p. 119)

A separação, talvez não desejada, mas inevitável, promove o direcionamento dos fluxos e energia humana a campos de eficientes administrações de rebanhos. Da antiga trilha disciplinar: o isolamento, a contagem, o controle.

Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele, por um lado, uma ‘aptidão’ uma ‘ capacidade’ que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. (...) Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada” (Foucault, 1987, p. 119).

Leva-se em conta que a sociedade disciplinar teria se tornado objeto de superação pelo modelo deleuziano da sociedade de controle. Sibilia (2002) remete aos relógios como exemplo de tal passagem, relacionando a máquina analógica à digital.

Como em Nietzsche, a medida é fundamental para qualquer percepção. “Mais uma vez o relógio serve como emblema e como sintoma, expressando em seu corpo maquínico a intensificação e a sofisticação da lógica disciplinar na sociedade de controle” (Sibilia, 2003, p. 30).

Haveria, portanto uma interface entre lógica e sociedade, na qual a disciplina seria, ainda, responsável pela metamorfose para a docilidade corpórea, onde a informação como extremidade visível e/ou enunciável (Deleuze, 1996) estaria atualizando a produção dos corpos quando imersos na ambiência das sofisticadas disciplinas de controle. Vê-se como capacidade de domesticação dos instintos, todo este arsenal de tecnologias. Desta forma:

se os efeitos atualizam, é porque as relações de força ou de poder são apenas virtuais, potenciais, instáveis, evanescentes, moleculares, e definem apenas possibilidades, probabilidades de interação, enquanto não entram num conjunto macroscópico capaz de dar forma à sua matéria fluente e à sua função difusa (Deleuze, 1996, p. 46-47).

Tais considerações abrem espaço para análises de uma sociedade que vive alucinantes movimentos de atualização/virtualização a partir de rotas seguidas por consumidores/informados e informantes de consumo/informação. Seria esta a relação de um declínio da potência criativa com o devir tornado pós-orgânico. Destaca-se que não houve e nem há qualquer transvaloração^[3], apenas uma migração entre graus de imanência do tipo homem/mundo (Bruno & Menezes-Martins, 2004). Os valores estão em uma escala de máxima visibilidade publicitária. A ortopedia para o consumo e para o par informar-se e, ao mesmo tempo, ser a própria informação, permanece vinculada a uma sofisticação abstrata das formas de vigilância e de punição. Como se considera que houve uma inversão das generalizações do panoptismo, sendo a contemplação e a recompensa, valores substitutos de tal relação. O corpo é código de barras e cartão de crédito e, simultaneamente, é modelado por uma hiper-realização intensiva de “*up grades constantes*” (Sibilia, 2002).

Entra-se com a noção de interfaces e visibilidade, a partir de uma idéia de Fernanda Bruno:

Se vivemos uma inversão do olhar panóptico, se a subjetividade encontra sua face visível (esteja ela no comportamento, no corpo ou na tela o seu lugar privilegiado de investimento, se o valor encontra na extremidade do que se mostra, do que se faz notável e visível o seu lugar de efetuação (me refiro ao fato midiático, à lógica da celebridade, à espetacularização do sofrimento, à exposição da intimidade, etc), a interface é ainda uma vez uma noção decisiva, pois são nos meios de contato com o

‘olhar’ do outro que se decidem as táticas e os efeitos da vigilância, da construção da identidade e da intimidade, da produção dos acontecimentos, etc) (Bruno & Menezes-Martins, 2004).

Seja qual for a instância, a interface estará presente em qualquer grau de relações entre corpos orgânicos e/ou pós orgânicos e o biopoder. “Quem vê pouco, vê sempre menos, quem ouve mal, ouve sempre algo mais “ (Nietzsche, 1996, § 544)

Pois, na relação do visível com o enunciável, ou do que se poderia trazer para as máquinas de ver e ser visto (Bruno 2004), o pensamento nietzschiano foi decisivo para as formulações posteriores. Sobre a máquina abstrata e seus agenciamentos concretos: “ se o saber consiste em entrelaçar o visível e o enunciável, o poder é sua causa pressuposta, mas inversamente, o poder implica o saber como a bifurcação, a diferenciação sem a qual ele não passaria a ato.” (Deleuze, 1996, p.48)

Por fim, em uma época na qual a tecnologia é centro e periferia, nos quais o confinamento é um ato superado por táticas de controle à distância, sendo o modelo da “coleira eletrônica” (Deleuze & Guattari) estendido para generalizadas finalidades: das mercadorias circulantes, das informações visíveis e dos enunciados articuláveis. Vê-se proliferar metamorfoses involuntárias que adotam o tipo de organização empresarial estimulada pela publicidade pretensiosamente situada como dobra das artes e da própria vida. Sendo a idéia de visibilidade uma interface de um mundo que não possui exterior (Deleuze, 1996), mas, ao mesmo tempo, um regime de luz que mostra o sujeito sem interior.

Restariam os movimentos infinitos de retorno do e ao virtual como marcas visíveis de uma sociedade que só respira liberdade enquanto ideal, ainda que, tardiamente, platônico, que já teve ênfase de organização operacional na soberania, na disciplina e no controle. Considera-se que a informação visível e enunciável seja a visibilidade de faces separadas por tais movimentos produzidos por corpos digitalizados e informantes de si e do olhar que possuem.

A informação em estado de generalização ciberpanóptica não seria um sujeito/objeto que ainda leva consigo *profundas* marcas feitas, segundo Nietzsche, *a ferro e fogo*, pelas heranças de disciplina e controle? Ainda há o corpo. Ainda há vida. Ainda que sob uma forma operacional de biopoder e comunicação, capaz de produzir corpos/informação (informantes e informados) para um devir pós-orgânico.

“*O filósofo apanhado nas teias da linguagem*” (Nietzsche)

REFERÊNCIAS

Bruno, F. Mediação e Interface: incursões tecnológicas nas fronteiras do corpo in Fraga, D. &

Fragoso, S. *Comunicação na Cibercultura*. São Leopoldo. Ed. Unisinos. 2001

Bruno, F. “Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação” in Revista Famecos n. 24 / PUCRS. Porto Alegre. Edipucrs. Julho de 2004.

Bruno, F. & Menezes-Martins, F. “Diálogos sobre interfaces e visibilidade” in Sessões do Imaginário - cinema, cultura e tecnologias da imagem n. 11. / PUCRS. Porto Alegre. Edipucrs. Julho de 2004.

Deleuze, G. *Foucault*. São Paulo. Editora Braziliense. 1996.

Deleuze, G & Guattari, F. *O que é a filosofia*. São Paulo. Editora 34, 1992.

Felinto, E. “A religião das máquinas: pressupostos metodológicos para uma investigação do imaginário na cibercultura “ in *Mídia.Br*. Lemos, A; et al. Porto Alegre. Editora Sulina. 2004

Foucault, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis. Editora Vozes. 1987.

Menezes-Martins, F. Nietzsche, Valores humanos e devir da técnica in Menezes-Martins, F e Machado da Silva, J. (orgs.) *A Genealogia do Virtual*. Porto Alegre. Editora Sulina. 2004.

Menezes-Martins, F. A Rebelião do Virtual in *File 404 Not Found*. Edição 40. Maio de 2004. Disponível em www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtFOund/index.html.

Nietzsche, F. *El ocaso de los ídolos*. Madrid. M.E. Editores. 1992.

Nietzsche, F. *Humano, Demasiado Humano*. São Paulo. Cia. das Letras. 1996.

Sibilia, P. *O homem pós-orgânico*. Rio de Janeiro. Relume Dumará. 2002.

Sibilia, P. *Os diários íntimos na internet e a crise da interioridade psicológica* in CD-ROM da XII Compós. 2003.

Spengler, O. *O homem e a técnica*. Porto Alegre. Editora Globo. 1958.

[1] Trabalho apresentado ao NP 08 Comunicação e Tecnologias da Informação

[2] Doutor em Comunicação - Universidad Complutense de Madrid/Espanha. Coordenador adjunto do PPGCOM-PUCRS. Coordenador e Pesquisador do Grupo de Tecnologias do Imaginário - GTI/ Famecos - PUCRS. Editor da Revista Famecos mídia, cultura e tecnologia. Diretor/Editor da revista Sessões do Imaginário - cinema, cibercultura e tecnologias da imagem/PUCRS . franmenezes@pucrs.br

[3] Destaca-se que esta proposição foi feita por Paula Sibilia em conversa via e-mail com o autor, a partir de um diálogo sobre seu livro *O Homem Pós-Orgânico - corpo, subjetividade e tecnologias digitais*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.